

O DISCURSO NARRATIVO NAS AFASIAS

Mirian Cazarotti PACHECO¹

RESUMO: As narrativas se constituem como um lugar privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos. Este estudo, ainda em desenvolvimento, visa refletir, entre outras questões, sobre como se dá o funcionamento do gênero narrativo em sujeitos afásicos e qual a contribuição que a compreensão das características lingüísticas nas afasias pode trazer para um direcionamento terapêutico-fonoaudiológico. Como aspectos metodológicos da pesquisa, destacamos a seleção, transcrição e análise de dados de episódios dialógicos, produzidos (e registrados em vídeo) em práticas discursivas, concretas, desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos – Grupo III. Optamos pela análise qualitativa, respaldada pela análise microgenética de episódios dialógicos.

Palavras-chave: afasia; gênero narrativo; neurolingüística; terapia fonoaudiológica.

ABSTRACT: Narratives constitute a privileged locus for the analysis of the impacts of aphasia on the subjects' language. This study, still being developed, aims to reflect, among other issues, about the functioning of the narrative gender in aphasic subjects and which is the contribution that the understanding of linguistics characteristics in aphasias may provide to speech therapy. As methodological aspects of the research, we mention the selection, transcription and analyses of the dialogic episodes produced (and video recorded) during discursive dialogical practices developed at the CCA (Center for Aphasics Convivence) Group III. We have opted for qualitative analysis, supported by microgenetic analyses of dialogical episodes. .

Keywords: aphasia; narrative gender; neurolinguistics; speech therapy.

1. Introdução

Na literatura neurolingüística tradicional é muito raro encontrar reflexões sobre a narrativa de sujeitos afásicos, visto que grande parte delas objetiva tão somente a descrição estrutural dos “sintomas” e das “síndromes” afasiológicas. Quando existe referência à narrativa, normalmente os estudos limitam-se a tratar da *(dis)fluência* que caracteriza os enunciados dos sujeitos.

Uma abordagem neurolingüística discursivamente orientada, como a que é desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) / UNICAMP, pode contribuir para a compreensão das estratégias discursivas dos sujeitos afásicos, avaliando tanto questões formais, a estrutura do sistema, como questões pragmáticas e discursivas que revelam os aspectos do funcionamento lingüístico e as alternativas dos sujeitos para driblarem suas dificuldades.

¹ Doutoranda em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP

2. Fundamentação teórica

2.1 O Gênero Narrativo

Antes de caracterizar o gênero narrativo, torna-se essencial esclarecer um conceito desenvolvido por Bakhtin, que será recorrente ao longo do trabalho, principalmente nas análises dos dados – o de *enunciado*.

Bakhtin (1929/1997) postula que a produção do *enunciado* – unidade real da comunicação – resulta não só da utilização dos recursos da língua (lexicais, semânticos, sintáticos) pelo falante, mas também é orientada pela escolha do gênero discursivo. O autor enfatiza que são as experiências comunicativas reais que nos permitem selecionar adequadamente o gênero discursivo, considerando as particularidades do interlocutor e da situação interativa.² Em suas palavras:

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso; em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. (BAKHTIN, 1997, p. 301).

Segundo Bakhtin, os gêneros se caracterizam em: *primário*, que diz respeito à linguagem das reuniões sociais, a linguagem familiar, cotidiana etc; e *secundário*, próprio do romance, do teatro, do discurso científico, do discurso ideológico. Estes últimos “aparecem em circunstância de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (Bakhtin, 1997, p. 281). Os gêneros primários, que se constituíram na comunicação verbal espontânea, são absorvidos e transmutados para a formação do gênero secundário (Bakhtin, 1997). O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal, na qual se torna mais evidente a alternância dos sujeitos falantes.

² Os enunciados produzidos em uma atividade dialógica deverão ser diferentes, por exemplo, se se trata de um diálogo cotidiano ou da produção de um texto científico. Será também diferente se o interlocutor for uma criança pequena ou um adulto, dentre outras variáveis possíveis.

A noção de *gênero discursivo* tem se tornado cada vez mais produtiva nas análises dos fenômenos afasiológicos, pois dependendo do tipo de afasia e da gravidade do quadro, os gêneros mais complexos são bastante impactados. Há sujeitos que praticamente reduzem suas produções verbais aos gêneros *primários* (menos complexos), dentre os quais encontram-se o diálogo cotidiano.

Bakhtin afirma que a composição do léxico e da estrutura gramatical da língua materna não é aprendida nos dicionários e nas gramáticas, mas mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos no momento da comunicação verbal viva, com os indivíduos que nos rodeiam. Os gêneros do discurso introduzem-se, ao mesmo tempo, em nossa experiência e em nossa consciência. Ele postula que “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados” (1997, p. 302), pois falamos por meio de enunciados e não por palavras ou orações isoladas. Nossa fala é organizada pelos gêneros discursivos, assim como pelas formas da língua (gramaticais – semântico/lexicais e sintáticas).

Vale ressaltar que Bakhtin não descarta a importância das formas estruturantes da língua, mas propõe um equilíbrio entre o valor das organizações lexicais e sintáticas e o fato de que tais unidades e regras são aprendidas na experiência com a própria língua.

Para tratar das características da narrativa, recorremos primeiramente à definição de Labov (1967, *apud* PERRONI, 1992): [...] um método de recapitular experiências passadas fazendo corresponder uma seqüência verbal de cláusulas à seqüência de eventos que efetivamente ocorreram (p.19), ou seja, a narrativa propicia a construção do universo de referência do tempo em que as ações, os processos e os estados ocorreram.

Os critérios lingüísticos de identificação de um texto narrativo, segundo Labov são: i) a existência de dependência temporal entre um evento *x* e outro *y*; ii) que as orações que expressam essa dependência temporal sejam constituídas essencialmente por verbos de ação e iii) que haja o emprego do tempo perfeito.

Após um estudo pioneiro, que analisa o desenvolvimento de narrativas em crianças, de acordo com uma investigação longitudinal, Perroni (1992) amplia o número de características propostas por Labov, acrescentando: iv) o relato do “inédito”, ou seja, de um evento singular que seja digno de ser narrado e v) o uso de operadores próprios do gênero narrativo, dentre os quais podemos citar “era uma vez” (para iniciar) ou “acabou a história” (para encerrá-la); “depois”, “e aí” ou “daí”, que ligam os eventos, com destaque para o uso de elementos

prosódicos (prosódia, entoação, ritmo, velocidade de fala, qualidade da voz de suspense) que caracterizam o ato de narrar.

Dados obtidos em situações dialógicas com sujeitos afásicos permitem afirmar que um dos gêneros que mais resistem nas afasias é o gênero narrativo, embora certamente variem, de acordo com o grau de severidade dos casos. Dentre outras razões, essas se constituem como um lugar privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos.

2.2 Considerações em torno da questão da fluência

A abordagem neurolingüística de orientação discursiva considera que a língua é o resultado da experiência e do trabalho dos falantes com e sobre a linguagem. Coudry (2002) explicita que esta abordagem tem seus alicerces na concepção sócio-histórica-cultural e nos postulados de Franchi (1992), que afirmam o caráter indeterminado dos processos de significação. A linguagem é concebida como *atividade constitutiva do sujeito* e como *trabalho*, resultante das operações dos sujeitos com/sobre o sistema da língua.

O sentimento de incompletude diante da linguagem e da língua é comum a todo sujeito, não só aos afásicos. Podemos reconhecê-lo, por exemplo, nas situações em que não encontramos uma determinada palavra ou expressão para dizer o que queremos. Luria (1986, apud NOVAES-PINTO, 1999) refere-se à recorrência de alguns desses fenômenos como *tip-of-the tongue* (na ponta da língua). Nessas situações, os sujeitos lançam mão de recursos como auto-correções e reformulações, resultantes de atividades epilingüísticas e que revelam o trabalho do sujeito sobre os recursos da língua. Para os afásicos, torna-se ainda mais difícil enfrentar dificuldades de seleção e de combinação (JAKOBSON, 1954), necessários para a produção dos enunciados.

Em acordo com os pressupostos de Benveniste (1966), Coudry (1988) destaca que a afasia não pode ser concebida apenas como um distúrbio de desorganização de uma linguagem interna, como defendida por alguns pesquisadores. Deve ser considerada também – e primordialmente – a desorganização de seu “uso efetivo, em situações concretas e em relação a determinados estados de fato” (FRANCHI, 1992). Em outras palavras, seria incongruente com nossa concepção de linguagem, desconsiderar no estudo das afasias os aspectos da *fala* ou do *desempenho*, relegados a um segundo plano pelas teorias estruturalista e gerativista, respectivamente.

Novaes-Pinto (1999) afirma que a exclusão da fala ou do desempenho, nos estudos das afasias, deve-se ao fato de que a grande maioria dos trabalhos visa propor modelos para explicar apenas os aspectos fonológicos, sintáticos, léxico/semânticos, descartando a natureza dialógica da linguagem, bem como as variações individuais e sócio-culturais.

Além de explicitar a concepção de linguagem que orienta este estudo, julgamos ser fundamental discorrer, ainda que brevemente neste trabalho, sobre o conceito de *fluência*, que tem sido utilizado na literatura neuropsicológica para dissociar as afasias de produção, consideradas *não-fluentes* ou *disfluentes*, das afasias de compreensão, estas chamadas *fluentes*³.

Scarpa (1995), autora que tem frequentemente abordado o tema da *fluência* em seus estudos, afirma que esta noção remete a um *mito*, uma vez que a disfluência é constitutiva da fluência, ou seja, fluência e disfluência estariam na base dos mesmos processos dinâmicos de processamento da fala. Tanto uma como outra resultam das diversas relações do sujeito com a sua língua(gem).

A autora conclui, a partir das definições de Fillmore, que a noção de *fluência* “(...) tem acepções radicalmente diversas, quer seja interpretada do ponto de vista da motricidade, quer do ponto de vista do fluir informativo do texto oral ou do desempenho no uso da linguagem” (ibidem, p. 167). Para ela, a fluência não pode ser definida por sua negativa, como sendo a ausência de disfluências, prolongamentos ou pausas, mas deve estar relacionada com todas as dimensões – sintática, semântica, prosódica, morfêmica – da fala de um sujeito.

Apoiada nos trabalhos de Lindblom (1995), a autora explicita que a dificuldade em falar rápido e acuradamente ao mesmo tempo pode ter explicação no fato de que tal relação de troca entre precisão articulatória e fluência deve-se a uma propriedade emergente da dinâmica auto-organizadora do processamento fonético.

A concepção de Lindblom poderia explicar, segundo Novaes-Pinto (1999), o motivo pelo qual tanto os sujeitos afásicos como os não-afásicos modulam sua fala, em resposta a fatores fisiológicos e emocionais, diante de mudanças de estilo da fala (de rápido para vagaroso, de baixo para alto, de informal para formal, de íntimo para público, dentre outros).

³ As afasias de produção são também referidas como *afasia de Broca*, *afasia motora* ou *afasia anterior*. As afasias de compreensão são referidas ainda como *afasia de Wernicke*, *afasia sensorial* e *afasia posterior*. Uma discussão crítica da semiologia das afasias pode ser encontrada em um artigo recente de Novaes-Pinto & Santana (2009), cujas referências completas encontram-se ao final deste trabalho.

Para Novaes-Pinto (1999), a proposta de Scarpa sobre a relação da fala articulada com a fluência torna-se muito interessante para compreendermos as dificuldades articulatórias dos afásicos com lesões anteriores e a “disfluência” de seus enunciados. A autora ressalta que a variação também deve ser explicada pelos aspectos individuais entre os sujeitos e num mesmo sujeito em situações diversas.

Devido à tradição afasiológica e neurolingüística terem focalizado como material de investigação, em relação à linguagem, o conhecimento metalingüístico, muitas questões interessantes não foram analisadas, como: as alterações nas relações de sentidos (provérbios, piadas e etc), problemas com o subentendido (pressupostos interpretativos, implícitos), parafasias de diversas naturezas que revelam dificuldades de seleção lexical e de tópicos, violação de leis conversacionais ou discursivas. Destacam-se, para os propósitos deste estudo, as dificuldades com operadores argumentativos, mecanismos coesivos e de coerência alterados no contexto narrativo. Esses expedientes lingüísticos só podem ser considerados em parâmetros essencialmente enunciativos (MORATO & COUDRY, 2000).

Segundo Coudry (2002), o interesse central da teoria de linguagem enunciativo-discursiva é avaliar e compreender processos de significação, patológicos ou não, presentes na linguagem do sujeito com afasia:

(...) enunciativo, porque importa a enunciação para o outro, em meio à contingências próprias de uso social da linguagem; discursivo, porque é a forma de a linguagem se expor como atividade significativa, estruturada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes” (p. 111).

Morato e Coudry (2000) afirmam que, num exame neurolingüístico, no qual o investigador entra em contato com o sujeito e seu déficit lingüístico, por meio da interlocução e seus expedientes (como episódios narrativos, jogos de linguagem, provérbios, piadas), o objetivo preterido deve ser não somente uma ação descritiva de sintomas, mas, sobretudo, a busca de “vias explicativas para a nova relação do sujeito com a linguagem, com o outro e com o mundo social” (pp. 80-81).

3. Objetivos deste trabalho

Este estudo visa refletir sobre as seguintes questões: Como se dá o funcionamento do gênero narrativo em sujeitos afásicos? Quais são os recursos lingüísticos verbais e não-verbais dos quais eles se utilizam para narrar? A depender do grau de severidade da afasia, quais os

limites impostos ao ato de narrar? Existem limites relacionados a tópicos/temas? Qual a contribuição que a compreensão das características lingüísticas nas afasias – tanto as que dizem respeito ao sistema da língua (recursos fonético/fonológicos e lexicais e regras semântico-gramaticais), quanto as que focalizam a relação da língua com as condições de produção (fatores pragmáticos e discursivos) podem trazer para um direcionamento terapêutico-fonoaudiológico?

4. Aspectos metodológicos

A pesquisa está sendo desenvolvida por meio de seleção, transcrição e análise de dados de episódios dialógicos, produzidos (e registrados em vídeo) em práticas discursivas, concretas, geradas no trabalho desenvolvido no Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Serão enfatizadas as situações que focalizem o discurso narrativo dos sujeitos do Grupo III. Os enunciados deverão ser considerados em todas as suas formas de manifestação, verbais e não-verbais, segundo uma perspectiva enunciativo-discursiva.

Segue-se uma breve reflexão acerca de princípios metodológicos que serão articulados para as análises.

4.1 Análise microgenética de episódios dialógicos

Vigotski (2003), principal representante da vertente histórico-cultural, trata das questões relacionadas ao método e afirma haver necessidade de se analisar os *processos* e não os *produtos*, baseando-se na gênese dinâmico-causal, isto é, numa análise explicativa e não descritiva que revele as relações dinâmicas ou causais reais em contraponto à simples enumeração de características externas de um processo. Sua proposta inovadora suscitou transformações metodológicas em muitos trabalhos e vem ao encontro da escolha aqui realizada de observar e refletir sobre o funcionamento do discurso narrativo de sujeitos afásicos.

Góes argumenta que a análise microgenética:

(...) não é micro porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está

impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais. (2000, p.15).

Ao assumirmos, neste estudo, a concepção de linguagem como atividade interativa e constitutiva do sujeito e ainda que “os dados são os discursos” (ORLANDI, 1991/1996, p. 109) fazemos a opção por uma análise qualitativa dos eventos dialógicos a fim de compreender as principais dificuldades na construção da narrativa, não só apontando para os impactos da afasia no sistema lingüístico, como nas soluções criativas que podem ocorrer diante dos impasses decorrentes dessas dificuldades.

Essas são as questões que orientam a seleção e a análise dos dados, dentre os quais o que apresentamos a seguir.

5. Episódio dialógico com CS – Análise e discussões

Este item visa ilustrar a abordagem dada à produção da narrativa de sujeitos afásicos, com o relato do caso do sujeito CS. Trata-se, portanto, de uma análise preliminar da pesquisa que está em desenvolvimento. Enfatizamos também que a pesquisa deverá se estender a casos com afasias não-fluentes, de sujeitos que freqüentam o grupo III do CCA.

CS, um dos sujeitos participantes do grupo em que se desenvolve a pesquisa, atualmente com 43 anos de idade e ensino médio completo, tinha 37 anos na época em que precisou se submeter a uma cirurgia para clipagem de um tumor (craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda). Como sequela da cirurgia, CS apresenta uma afasia que podemos caracterizar como *fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que evidentemente o leva a produzir enunciados com muitas hesitações e, conseqüentemente, influencia a organização sintática. Nos termos de Jakobson, a dificuldade na seleção interfere na capacidade de combinação o que, nas palavras de Coudry, reflete a projeção dos eixos paradigmático e sintagmático, um sobre o outro.

Apresentamos, a seguir, um episódio de CS, de 10/04/2007, ocorrido numa sessão realizada no CCA⁴. CS está em situação de entrevista inicial com duas estagiárias do curso de

⁴ O CCA (Centro de Convivência de Afásicos) foi criado com o objetivo de buscar soluções para os sujeitos afásicos diante do isolamento social que enfrentam muitas vezes. O acompanhamento é realizado em grupo, na convivência com sujeitos não-afásicos, em diversas situações e práticas discursivas, nas quais se exploram todos os aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações, como nos diálogos, comentários, narrativas, leituras, etc (Morato, 2002). O projeto é resultado de uma ação conjunta entre os Departamentos de Lingüística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com funcionamento no Instituto de Estudos Lingüísticos (IEL).

Fonoaudiologia que irão acompanhá-lo em terapia individual. Após responder a algumas questões sobre seus dados pessoais, CS inicia espontaneamente o seguinte relato:

- (01) CS: Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo (passa os dedos sobre as palavras de um jornal) //Indicativo de ler// falaaar ÁGUA, qualquer coisa, eu não conseguia. Eu falava só isso aqui ó. Eu tava... Vamos dizer que cortou essa semana e # //discurso direto// :Vamo falá! Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.
- (02) F: Logo depois da cirurgia?
- (03) CS: É. Aí até seis meses eu não conseguia...
- (04) F: E daí, como você fazia?
- (05) CS: Eu conseguia falar assim ó, eu falava pra você (aponta para F) e... se eu falar certo, eu falo tudo errado. Eu falo assim CACHORRO, o que que é cachorro? É “água”.
- (06) F2: Ah! Então você falava uma palavra, mas não era.
- (07) CS:[Eu sempre falava “cachorro”. Tá... na minha cabeça e aí eu falo éé “água”. Agora que eu sei, agora, vamo dizer, não agora...dois anos atrás, já tudo bem (gesto de tempo passado). Mas... antigamente... eu tinha que f-falar éé “água” e eu falava “cachorro”.
- (08) F: Trocava.
- (09) CS: Trocava.
- (10) F: [Na sua cabeça, cê sabia o que era, mas na hora de f...
- (11) CS: [Aí, aí eu falava assim, # então num danta falar nada e me dá uma caneta! Chega pra mim e fala assim se tem... é não falava nada, né, “uma caneta”, né? (gesto de escrever no ar). Eu pegava aaa (repete o gesto na mesa)
- (12) F: Cê escrevia? Escrever...
- (13) CS: Alguma coisa eu já sei, então é “ÁGUA”. Então éé fácil di. Que nem aqui (mostra o jornal), eu não consigo. De repente “água” tá aqui (aponta para o jornal), aí eu já coloco água, já e (gesto de escrever sobre a mesa) começo a falar certo, entendeu?
- (14) F: Hum, hum. Mas e agora? Agora você não tem mais essa dificuldade?
- (15) CS: Não. O problema ainda que eu tenho é
- (16) F: [É di...
-

(17) CS: [Tipo assim, se pode, às vezes eu penso (mostra as palavras no jornal) que não vai....

Trata-se de um relato autobiográfico, que pertence ao gênero discursivo primário, conforme vimos acima. Iniciamos a análise deste episódio focalizando as características próprias do discurso narrativo (LABOV; PERRONI, 1992). Observa-se que, apesar de CS não utilizar, inicialmente, em seu relato, a conjugação do verbo no pretérito perfeito, ele passa a fazê-lo já na segunda linha do turno 01: “(...) eu não *conseguia*. Eu *falava* só isso aqui ó. Eu *tava* ... (...)” e prossegue deste modo na maioria de seus enunciados (exs: turnos 03 = “(...) eu não *conseguia*...”; 05: “Eu *conseguia* falar assim ó, eu *falava* pra você (...)”, entre outros). Outras características presentes são o uso de verbos de ação (turno 01 = “*falar*”, “*cortou*” e etc) e a concatenação dos eventos, verificada, por exemplo, também no turno 01: “(...) *Vamos dizer que cortou essa semana e # :Vamo falá! Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.*

O fato inédito aparece quando CS diz que após a cirurgia só conseguia dizer “*cachorro*”, para qualquer coisa a qual quisesse se referir, como ele mesmo explicita no turno 05: “*Eu conseguia falar assim ó, eu falava pra você e... se eu falar ce-certo, eu falo tudo errado. Eu falo assim CACHORRO, o que que é cachorro? É “água”; e no turno 07: “Eu sempre falava “cachorro”. Tá... na minha cabeça e aí eu falo éé “água”. Agora que eu sei, agora, vamo dizer, não agora...dois anos atrás, já tudo bem (gesto de tempo passado). Mas... antigamente... eu tinha que f-falar éé “água” e eu falava “cachorro”.*

CS usa também os elementos de ligação *aí* ou *e aí*, entre os eventos, como por exemplo nos turnos 03: “*É. Aí até seis meses eu não conseguia...*” e 07, dentre outros. Ele conserva uma prosódia adequada ao gênero, especialmente o ritmo e a entonação. A entonação enfática foi representada por letras maiúsculas na transcrição dos enunciados e estão presentes nos turnos: 01 = “*Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo falaaar ÁGUA, qualquer coisa, eu não conseguia*”; 05 (apresentado acima) e no 13 = “*Alguma coisa eu já sei, então é ÁGUA (...)*”.

Podemos dizer que, apesar dos muitos momentos em que CS apresenta dificuldades na seleção lexical e dos muitos anacolutos presentes nas construções gramaticais, a maioria dos enunciados que compõem o discurso de CS é *fluente* e há, de fato, uma narrativa sendo construída dialogicamente. Entretanto, para o propósito de compreender até que ponto a afasia alterou sua capacidade de narrar, é necessário propor uma análise mais detalhada, buscando

inferir sobre os *processos* subjacentes, que possam evidenciar tanto o que foi impactado, como o que resulta das suas ações criativas sobre os recursos lingüísticos que lhe restaram.

Segundo a definição de Geraldi (1997), as atividades epilingüísticas são as ações que se fazem sobre a linguagem, presentes nos processos interacionais e que tomam como seu objeto os próprios recursos expressivos. Tais operações se manifestam na linguagem narrativa de CS por meio das auto-correções e retomadas, presentes, por exemplo, no turno 01: “Então... mas e como que eu não consigo falar nada di...” (...) “Eu tava... Vamos dizer que cortou essa semana e (...)”. São também indícios desses processos as pausas (grafadas com reticências), como podemos ver no turno 01 que acabamos de exemplificar; os prolongamentos de vogais (grafadas com repetição contínua da vogal) nos turnos 01: “Então... mas e como que eu não consigo falar nada di... eu num consigo *falaaar* ÁGUA, qualquer coisa, eu não conseguia (...)” e 07: “Eu sempre falava “cachorro”. Tá... na minha cabeça e aí eu falo *éé* “água” (...)”, entre outros; as repetições de parte do enunciado (como no turno 01: (...) “Eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada.”) ou de parte das palavras (como no turno 05: “(...)se eu falar *ce-certo*, eu falo tudo errado (...)” e no turno 07: “(...) Mas... antigamente... eu tinha que *f-falar éé* “água” e eu falava “cachorro”) que compõem os enunciados.

Verificamos que no turno 11: “[Aí, aí eu falava assim, # então num dianta falar nada e me dá uma *caneta*. Chega pra mim e fala assim se tem... é não falava nada, né, uma *caneta*, né? (gesto de escrever no ar). Eu pegava *aaa* (repete o gesto na mesa)”, CS já havia usado a palavra *caneta* por duas vezes, no início de seu enunciado, quando se depara com uma dificuldade de seleção deste mesmo item lexical. Nas vezes em que selecionou a palavra pretendida, ele estava usando o discurso direto (grafado com #). A dificuldade ocorreu quando ele tentava retomar a narrativa no tempo passado. Esse dado é, para nós, muito relevante, à medida que revela a relação entre a dificuldade de seleção e a complexidade da organização gramatical. A maior complexidade da estrutura do discurso indireto, no tempo passado, interferiu na seleção gramatical. A presença das pausas, repetições e auto-correções, portanto, é fundamental para que se possa detectar a natureza das dificuldades de CS, seja com relação à seleção lexical, seja na combinação dos elementos lexicais nas estruturas lógico-gramaticais dos enunciados.

Outro fator relevante para as análises dos enunciados de CS é o apoio que têm para eles os enunciados dos interlocutores não-afásicos, essenciais para a produção da sua narrativa, o que revela sua competência pragmática para lidar com sua afasia. À medida que os seus

interlocutores vão dando os *acabamentos* (cf. Bakhtin) aos seus enunciados, CS reorganiza os seus.

A discussão apresentada neste trabalho, relativa a apenas um dado do corpus que está sendo analisado, teve como objetivo ilustrar como as análises microgenéticas dos enunciados dos sujeitos podem contribuir para a compreensão das relações existentes entre as dificuldades dos sujeitos afásicos com o sistema da língua e a produção dos enunciados.

O gênero narrativo, por sua natureza dialógica e por ser um dos mais presentes nos diferentes tipos de afasias, torna-se um locus privilegiado para essas análises e tem sido utilizado, também, no acompanhamento terapêutico, como método para propiciar a emergência da linguagem, por mais grave que seja o impacto das afasias na linguagem dos sujeitos.

Vale ressaltar, ainda, que é indispensável para o acompanhamento terapêutico com sujeitos afásicos a compreensão (por parte do profissional) não só das suas dificuldades com o sistema da língua (recursos fonético/fonológicos, lexicais, gramaticais), quanto à compreensão dos aspectos que focalizam a relação da língua com as condições de produção. A construção conjunta dos enunciados – que ocorre também fora do âmbito das patologias – transforma *falantes e ouvintes* em verdadeiros *parceiros da comunicação verbal* (cf. Bakhtin), o que se torna imprescindível para um acompanhamento terapêutico eficiente, que auxilie os sujeitos afásicos na reorganização de sua linguagem e para que alcancem seu *querer dizer*. (Bakhtin, 1929/1997).

REFERÊNCIAS

BAKHITIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**, vol. 1. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia Ed. Nacional e Ed. USP, 1966.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino do português**. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

COUDRY, M.I.H. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 42, 2002, p. 99-129.

_____. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins fontes, 1988.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 22, 1992, p. 9-39.

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GÓES, M.C.R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural : uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedex**, Relações de ensino: Análises na perspectiva histórico-cultural, n. 50, 2000, p. 9-25.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE, M. e LEITE, Y. (orgs.). **Novas perspectivas lingüísticas**, Petrópolis: Ed. Vozes Limitada, 1970, p. 43-54.

MORATO, E. M. (org). **Sobre as afasias e os afásicos**. Campinas: UNICAMP, 2002.

NOVAES-PINTO, R.C. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas, 1999.

NOVAES-PINTO, R.C. & SANTANA, A. P. A semiologia das afasias. In: MANCOPES, R & SANTANA, A.P. **Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso**. São Paulo: Editora Santos, 2009, p.18-40

ORLANDI, E. Discurso: fato, dado, exterioridade. In CASTRO, M. F. (Org.). **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 209 - 216.

PERRONI, M.C. **Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SCARPA, E.M. Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, O seminário sobre aquisição de linguagem, n. 29, 1995, p. 163-184.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. 6. ed., 6 tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.